

5 / 8 / 80

## SHOW

## Alumbramento, de Djavan, na Capital

Alumbramento



Djavan

Djavan estreia no Teatro Pixinguinha

**Alumbramento** é o título do último elepê de Djavan, para a Emi-Odeon, e é também o título do show que ele estreia hoje, às 21 horas, no Teatro Pixinguinha, em São Paulo, onde fica até domingo. Esse show tem agora roteiro de Aldir Blanc e a direção de Paulinho de Albuquerque e dele, como no disc, Djavan canta músicas suas em novos parceiros — Chico Buarque de Holanda (*Alumbramento*), Aldir Blanc (*Aquele Um*), Aldir e Paulo Emilio (*Tem Boi na Linha*), Caetano (*Lambada de Serpente*).

"Ontem, como ainda hoje, era uma dureza para um compositor novo, desconhecido, com um trabalho original (tão original que os produtores das gravadoras a chamam "muito complicado"), conseguir ser ouvido e acreditado. A primeira chance de ser ouvido aconteceu em 1975, quando ganhei o segundo lugar no Festival Abertura, da Rede Globo, com *Fato Consumado*. A partir daí começaram a acreditar, tanto que meu primeiro LP foi produzido por Aloysio de Oliveira e arranjado pelo Maestro Edson Frederico. Saiu dali o meu primeiro sucesso — *Flor de Liz* — que toco até hoje, e algum tempo depois, *E Hora*, extraído em compacto. Foi então que a Odeon pintou na minha vida, através das mãos de Mariozinho Rocha. Nessa mesma época Maria Bethânia gostou e gravou minha música, *Alibi*. Felizmente um sucesso nacional e uma comprovação para quem achava o contrário, de que minha música não era "tão complicada assim".

Djavan vai mostrar nesse show a música dos três elepês que gravou, inclusive as músicas que cantava para trilhas sonoras de novelas da Globo, como *Alegre Menina*, de Dori Caymmi e Jorge Amado em *Gabriela*; *Calmaria e Ventoforte*, de Vinícius e Toquinho, em *Fogo sobre Terra*. Vai cantar também Lupiscínio Rodrigues, Ary Barroso, Ivan Lins, Chico Buarque. Afinal ele é declaradamente influenciado por Angela Maria, Nelson Gonçalves, Caymmi, Bossa Nova e Jazz, que aparecem nas canções, boleros, sambas e músicas de influência africana que formam a sua produção de compositor.

No seu primeiro elepê para a Odeon, Djavan escreveu o que se pode chamar de uma autobiografia, com muito humor: "Aos seis anos de idade já me tornei um menino de rua, de bola de gude, de soltar papagaio, de arengar com os meninos de calças compridas, de preguiça de

estudar. A tarde no Grupo Escolar Fernandes Lima era longa demais pra minha dاناção pelo jogo de bola. Mesmo assim, eu consegui atravessar para o ginásio e, em seguida, para o científico. Ainda no primeiro ano descobri — numa sala de prática de Química — um violão. Pronto: aos 16 anos de idade já me tornei aprendiz de violão e, conseqüentemente, gazeteiro. Para isso logo me tornar um ex-estudante.

"Foi aí que a minha família declarou guerra. E eu fui trabalhar — primeiro num balcão de loja, depois num escritório de contabilidade — até descobrir que tocar violão era mais leve. Aos 18 anos, já era integrante de um grupo vocal chamado LSD (Luz, Som, Dimensão), tocando e cantando Beatles e tudo quanto fosse sucesso. Clubes, praças, batizados, igrejas, palanques de comício (com candidato e tudo), etc. etc., passaram a ser minha escola e meu trabalho. Minha informação musical começou com Luiz Gonzaga, desde menino. Na rádio, na feira, no cinema, no pé-d'ouvido, na mente. Jackson do Pandeiro foi quando eu fui ver, com minha mãe, uma apresentação sua na Rádio Difusora. Depois Angela Maria, Nelson Gonçalves, Caymmim, Bossa Nova e Jazz, isso só depois que eu me entendi como gente. Toda essa informação exerceu grande influência na minha criação que começou num dia de chuva.

"Eu, sem poder sair de casa, peguei o violão e comecei a futucar. De nota em nota, tomei o maior susto quando descobri que estava começando a inventar uma música. E assim nasceu minha primeira música que, por sinal, era horrível. Mas eu fiquei todo orgulhoso e saí correndo pra mostrar pros meus amigos, quer dizer, pro bairro inteiro. E o bairro aprovou. E eu me danei a inventar mais uma e mais outra e a coisa foi crescendo até eu me conscientizar de que toda aquela brincadeira estava virando uma grande verdade. Aí eu endoidei pra ganhar o mundo."

Djavan, em *Alumbramento*, é acompanhado pelos músicos que participaram do disco — Luiz Avelar (piano), Sizão (baixo), Téo Lima (bateria), Cafena (phrussão) e Zé Nogueira, Moisés e Marquinhos, no sopró. Djavan toca violão, viola e, claro faz o vocal. O endereço do Teatro Pixinguinha é rua Dr. Vila Nova, 245, no conjunto do Sesc.

Vinícius

# Alik Kostakis

## Vende-se "Cirrose"

● Uma composição entre herdeiros tornou possível que o bar "Cirrose", onde Vinicius de Moraes tinha participação minoritária, voltasse a ser colocado a venda. Num momento em que a noite carioca vem enfrentando uma de suas maiores crises, porque há pouco dinheiro para gastar.

● O bar, que na opinião de Vinicius não tinha um nome de mau gosto e, sim, era uma exaltação ao fígado, é um exemplo disso: foi bastante badalado alguns dias. Paulatinamente, entrou no esquecimento dos demais.

● Ou seja, faturando muito menos do que poderia.

## Mordomia denunciada

● No desagradável incidente em que a Air France entrou como vítima de um dos noticiários de cinema de Luis Severiano Ribeiro Filho, as coisas acabaram sobrando para o diplomata Celso Amorim, presidente da Embrafilmes que, em pouco tempo, conseguiu arranjar inimizades por todos os lados.

● Há poucas dúvidas de que Amorim não tinha um nome de mau gosto e, sim, era uma exaltação ao fígado, é um exemplo disso: foi bastante badalado alguns dias. Paulatinamente, entrou no esquecimento dos demais.

● Mais ainda, ficou claro que Celsinho Amorim é melo chegado a uma mordomia. Afinal, nos autos de defesa, Halfin mostrou que o presidente da Embrafilmes gostou tanto dos serviços da Air France que voltou pelo "Concorde".

## Leitura dinâmica

● Quem está chegando de uma temporada em Las Vegas é o peuarista Athos Maia, sobrinho do Tião. Que, por sinal, está casado novamente. Por aqui, nem se sabia que ele havia se descasado.

● Entre os muitos paulistas que assistiram ao grande Prêmio Brasil, Milena e Rudi Bonfiglioli.

● Mayra e Everton de Castro solicitadíssimos: criaram uma agência especializada em colocar bons atores em bons comerciais. Mayra, para quem não sabe, é a mulher sorridente da campanha "Vote em Valfrido, o bom marido".

● Oswaldo Sargentelli está voltando a toda para a noite paulista, apresentando no endereço da avenida Paulista as mulatas que não estão no mapa dentro de mais alguns dias.

● Patrícia e Vandinho Vilella estão passando esta semana em Curitiba, cuidando da montagem da casa onde vão morar.



Um papo entre o Editor Luis Carta e o Professor Geraldo Medeiros

## O GRANDE COMPRADOR

● O mercado está de olho nas atividades do simpático Mário Sierca Jr. considerado um dos mais hábeis homens que jogam na Bolsa de Valores. Ele está comprando ações da Brahma e, na opinião geral, procura conseguir uma sólida posição entre os acionistas majoritários.

● Nos últimos tempos, o nome de Sierca Jr. tem circulado com peso nas conversas de sociedade.

Tempos atrás, por dominar os almoços no Jockey, negociando a sua participação na diretoria do Comind. Acabou vendendo suas ações para Charlô Quartim Barbosa.

● Há alguns anos, conseguiu uma indenização de um milhão de dólares do Governo suíço. Conseguiu provar que o acidente que vitimou seu irmão numa pista de esquis, era culpa do Governo da Suíça.

## Arte em Penápolis

● Celso Vianna Egreja e mais uma grande equipe estão terminando os preparativos para a inauguração do IV Salão de Artes Plásticas de Penápolis que, para quem não sabe, é um dos importantes encontros de artistas plásticos.

● O Salão será inaugurado no próximo dia 11 de outubro, com a presença de artistas representativos de todos os Estados.

● Além disso, a festa servirá para a inauguração do Museu de Arte Primitiva de Penápolis, resultado da doação de 130 quadros da coleção de Iracema Arditti.

## Rumo à Argentina

● Quem segue amanhã para a Argentina, onde vai cuidar de um outro produto brasileiro de exportação, a Vogue portenha, é Alice e Luis Carta.

● Alice, por sinal, acaba de chegar de uma viagem à França, onde, dias atrás, sua filha, Ana Cristina Schynyder completou dezoito anos. Com ela, também, sua mãe, Cristina Besterman.

● A festa foi no Elysée e estavam, também, Vera e Teddy Salem, com a filha, Benedicte Bourgeois, Martin Garel e Daniel Salem, os três do grupo Vogue, francês.

## Mandando no mercado

● As mulheres estão tomando conta do mercado como titadoras da moda em São Paulo. Salvo as excessões de prazo, o comando do ramo em quantidade e qualidade está passando para mãos femininas.

● Inclusive quando se trata de roupas para homens. Gilda Barbosa, por exemplo, está propondo blazers de linho para o próximo verão, com um só botão e laço.

● Tudo na linha do estilista de maior sucesso na Europa no momento, o italiano Giorgio Armani que tem três dos seus clientes mais habituais na lista dos dez mais elegantes do mundo.

## Em defesa dos velhos

● Quem está de partida para o Estado de Alagoas é o médico Tufik Mattar. Ele vai fazer uma conferência, a convite da Adesg local, sobre a situação do idoso no Brasil, sob o ponto de vista da geriatria.

● Um problema, por sinal, que cada vez mais está preocupando. Por diversos motivos: em primeiro lugar, o velho brasileiro é uma pessoa relativamente moça em qualquer lugar civilizado. A exceção de São Paulo, onde a vida média já passou dos sessenta anos, no resto do País, a vida média é de 56 anos.

● Em segundo lugar, porque efetivamente o tratamento que se dá à velhice no Brasil é uma das coisas mais demodês que se possa imaginar.

## Vitória paulista

● A vitória de mais um cavalo do Haras Rosa do Sul mostrou que os Machline (e que Deus os preserve) estão com tudo. Esse animal é de Carmem, que estava realmente muito bonita na festa do Grande Prêmio Brasil. A proprietária vencedora era, também, uma das mulheres mais elegantes da maior prova turfística brasileira.

● Os paulistas que foram assis-

tir ao Grande Prêmio — além de satisfeitos com a vitória do Rosa do Sul — mais uma vez estão convictos de que a moda, a elegância e o requinte estão fugindo das pelouses da Gávea e uma velocidade muito maior do que se verifica em Cidade Jardim.

● Se assim for, significa que as coisas andam realmente muito ruins pelos lados do feudo de Francisco de Paula Machado.

## Hubert Laws: Adeus Jazz, olá música Pop

**D**UAS das mais importantes publicações musicais norte-americanas se manifestam diferentemente sobre os mais recentes trabalhos do excepcional flautista Hubert Laws. Enquanto a Down Beat os considera "gerados a partir de uma fórmula ultra-pasteurizada", Stéreo Review elege "Land Of Passion" — lançado agora no Brasil pela CBS — o melhor disco do mês. São portanto duas óticas totalmente opostas que servem para esclarecer o atual posicionamento de Laws, que faz de um grupo de músicos de jazz que iniciaram a carreira como "sideman" nos anos 60, obtiveram sucesso artístico e comercial na primeira metade dos anos 70, e a partir de então não sentiram mais nenhuma necessidade de realizar obras de arte, e muito menos de permanecer atuando dentro do fechado círculo jazzístico. Isso fez com que passassem a produzir discos sem maiores compromissos e a apresentar suas obras de uma maneira mais simples, o que no entanto não é sinônimo de mais fácil. Mas, embora assim procedam será difícil que dêem origem a um álbum fraco, tecnicamente já que são virtuosos em seus instrumentos.

E este é o caso de Hubert Laws, que realizou suas primeiras gravações para a Atlantic em fins dos anos 60, quando foi contratado pelo produtor Creed Taylor — para integrar o cast da Cti Records. Nessa companhia participou de cerca de cem (!) discos de outros artistas como George Benson, Freddie Hubbard, Ron Carter e os

brasileiros Jobim, Deodato e Aírto, para citar apenas alguns. O primeiro álbum solo para a Cti foi "Crying Song", onde executava músicas conhecidas como "Let It Be", "Love Is Blue" etc. Nesse mesmo ano de 1970 veio "Afro-Classic", onde Hubert mostrou através de suas interpretações para peças de Bach e Mozart, o seu amor pela música erudita. Tal afirmação pode ser comprovada pelo fato de Laws ter sido membro da Metropolitan Opera Orch. de 68 a 73 e de ter atuado ocasionalmente na N. Y. Philharmonic de 71 a 74. Outros discos se seguiram: "Rite Of Spring", "Morning Star" e "At Carnegie Hall". Este último, como indica o título, foi gravado ao vivo em 73 durante um concerto que alcançou tamanho êxito, que praticamente "obrigou" Laws a lá tomar a se apresentar em 74 e 75. Muito disco ele deve ao excelente arranjador Don Sebesky, a pessoa que reconstruiu a "Passacaglia In C Minor" de Bach especialmente para aquela apresentação, fazendo a plateia ovacioná-lo cinco vezes durante a execução. Em 74 vieram "The Chicago Theme" e "Goodbye", em 75 "Then There Was Light Vol. 1" e em 76, "Then... Vol. 2". Finalmente no ano de 1977 ele lançou seu último disco pela Cti, "The San Francisco Concert", gravado ao vivo ao lado da Sinfônica daquela cidade no Paramount Theatre.

Transferindo-se para a Columbia entrou já duas vezes nos estúdios da nova "casa" para gravar "Say It With Si-

lence" (78) e "Land Of Passion" (79), que agora chega até nós. "Land" é um disco agradável, pulsante, gerado por Laws na companhia de bons músicos, sendo cinco deles seus irmãos. Os mais apressados em opinar poderão dizer que se trata de banal realização, mas aqueles que tiveram melhor capacidade auditiva e senso crítico razoável certamente não darão tal parecer, pois terão ouvido coisas fantásticas como o pizzicato das cordas na introdução de "The Key", o difícil solo de Hubert em "Heartbeats" e a bem-bolada letra da faixa-título. Com "Land Of Passion", Hubert Laws é mais um músico que dá adeus ao jazz e mergulha na música pop! Pelo menos em disco.

### Alto-Falante

King Oliver já não é mais inédito entre nós. Coube a Joel Leibowitz da Top Tape a ousadia de lançar um álbum com gravações de 1922 e 23 ao lado de Louis Armstrong, e participação de Jelly Roll Morton, Sidney Bechet e Alberta Hunter. ♦ "Necessidades da Vida" é o título do show apresentado todas às 2.as, 3as. e 4as. no Restaurante Mama Lia (R. Prado Júnior 237-L), às 22 horas. Além da própria temática social, tem como fio condutor músicas de Dolores Duran, Tom, Vinicius e outros, cantadas por Israel. Os textos ficam a cargo de Olga Renha e José Luis Rodi. ♦ Dias 9 e 10 no Parque Lage, espetáculo do grupo "Asdrubal Trouxe o Trombone".

# A NOIVA DA CIDADE, DE ALEX VIANY UMA HOMENAGEM LÍRICO-GOZATIVA A HUMBERTO MAURO

Mara Caballero

**E**M cartaz, quatro anos depois de pronto, *A Noiva da Cidade*. Mais do que um filme de Alex Viany, "um filme para Humberto Mauro realizado por seus amigos", como anunciam logo no início os letreiros.

"Um filme lírico-gozativo, do jeito que Humberto Mauro é e também como eu sou. Romântico, às vezes gozando porque senão me estrepe demais", define Alex Viany, crítico de cinema, autor de *Introdução ao Cinema Brasileiro* e de vários verbetes para enciclopédias, coordenador de uma antologia sobre Humberto Mauro, cineasta, bissexto que prefere se dizer "um homem de cinema".

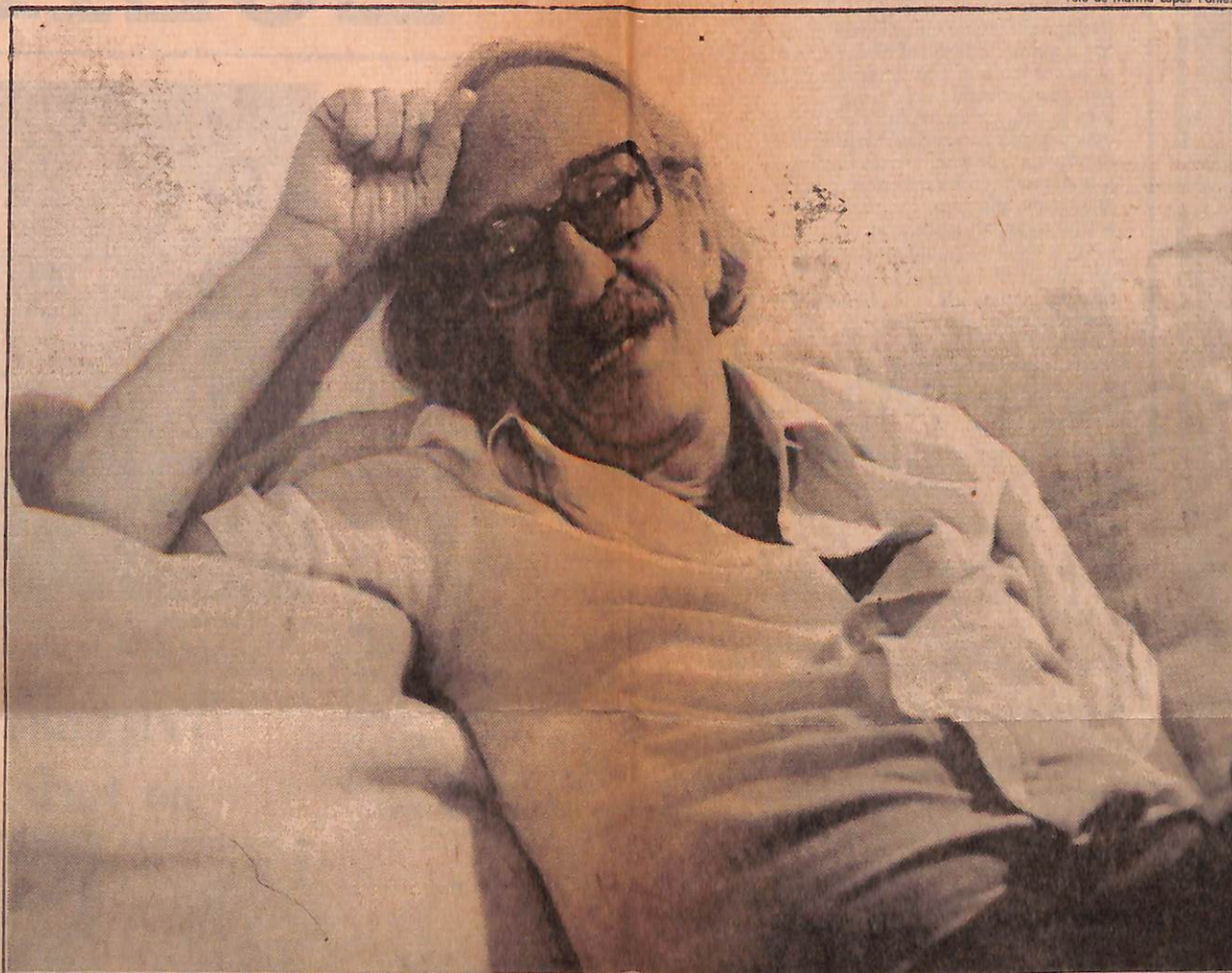
Um homem de cinema que conhece profundamente a obra e a pessoa de Humberto Mauro, para quem não mede elogios e ao adjetivá-lo usa "uma palavra desgastada: um gênio, que ele é mesmo, e eu tive o prazer de conhecer". Os filmes de Mauro, Alex Viany cita com detalhes, elogia exaustivamente, "é ver para crer". A importância desse cineasta de 83 anos para o cinema brasileiro? "É o pai de todos", diz Alex, "e com isso todos concordam, Nelson Pereira dos Santos, Glauber Rocha".

Por isso tudo, *A Noiva da Cidade* é, principalmente, um filme de citações, além de o argumento ser do próprio Humberto Mauro que colaborou com Viany no roteiro e deu muitas idéias durante as filmagens realizadas na cidade onde mora, Volta Grande, em Minas Gerais.

Volta e meia, Elke Maravilha, atriz principal do filme, passa de charrete diante de uma casa onde está uma velha a fiar. Citação de *A Velha a Fiar*, filme de Mauro. Elke banha-se numa cachoeira, lembrança de uma frase célebre de Mauro: "Cinema é cachoeira", ou seja, explica Viany, movimento. E assim por diante.

Há seqüências, "as situações coletivas" idealizadas por Humberto Mauro: a serenata do assóvio, a marcha dos capotes. Outras situações surrealistas, contínuas Alex Viany, são típicas de Mauro: Elke sendo possuída pelo vento, a cadeira sem teto e com buracos na parede.

Ao mesmo tempo, um filme muito pessoal, diz ainda o autor. Na sua casa — onde fica meio encabulado: "A confusão é porque não moro aqui, só acampo" — o único enfeite na parede, além de dois posters sobre cinema, é um par de sapatos de homem, cada pé de um modelo diferente. Pede desculpas também pela gestuação excessiva, os braços agitados em direções inesperadas: "Desde janeiro, quando parei de fumar, é assim, tem mão sobrando". Como tem informação sobrando, "saíndo pelo ladrão". Nos 15 anos de intervalo entre o penúltimo filme e *A Noiva da Cidade* e desde 1934 quando começou a escrever sobre cinema, Alex Viany vem lendo, estudando, compilando, arquivando, fotografando tudo o que se



"É uma fita diferente, um corpo estranho na cultura brasileira. Não tem violência, é contra", diz Alex Viany

refere ao cinema. O problema é juntar tudo e escrever, como escreveu, verbetes para a *Delta-Larrouse*, para a *Mirador*, a *Introdução ao Cinema Brasileiro*, em 1959, a antologia sobre Humberto Mauro. Pensa em fazer um livro sobre Carmem Miranda, que quase ninguém entende, e ultimamente tem entrevistado e gravado, às vezes até filmado, gente de cinema das décadas de 20 e 30. Aos 61 anos, Alex Viany brinca: "Eu é que já devia ser tombado". Um livro sobre filmes de carnaval e um filme sobre o maxixe, os próximos lançamentos. "E este filme está muito bom, eu não tenho modéstia".

De *A Noiva da Cidade*, diz que tem. Principalmente porque custou muito a saber que filme era aquele. Vivía "a pior crise da minha vida", muitos dos grilos passaram para o filme.

— Por isso é um filme muito pessoal, além de uma homenagem a Humberto. E foi o filme que me salvou: a obrigação de fazê-lo, o amor, tudo misturado. Foi uma crise muito violenta, queria me destruir. Era o vilão de mim mesmo, mas isso não é

novidade, todo mundo é. Se estou aqui hoje, foi graças à fita. Mas não sabia o que ela era. Hoje, eu gosto dela. É uma fita diferente, um corpo estranho na cultura brasileira. Não tem violência, é contra. Talvez seja o retrato de um mundo que já acabou. Talvez eu já tenha acabado com ele e não saiba. Muitos dizem que é bonito. Sei lá, desconfio. Os meus amigos que dizem isso são sinceros, mas, sei lá, podem estar exagerando. Dizem que é um filme pra frente, de quem ama a vida. O Maurice Capovilla disse que tem magia. Eu sei que sem a fita teria soçobrado.

A mãe de Alex Viany — que na vida real foi criado em Cascadura e tem o inacreditável nome de Almiro Viviani Flávio — queria que ele fosse violonista, estudou durante cinco anos na infância, mas, ironicamente, foi ela mesma quem lhe inculciu o gosto pelo cinema. Adolescente, em 1934 começou a escrever e acabou no final da década de 40 correspondente em Hollywood para onde foi à procura do cinema americano. Mas o que descobriu foi o brasileiro mesmo.

O primeiro filme, em 1953, *Agulha no Palheiro*, como este seu último, foi um filme pessoal. A atriz Sara Nobre, mãe de Dóris Monteiro no filme, tinha um comportamento como o da mãe de Alex, falecida um ano antes. Apesar de ter sido filmado em Laranjeiras, a idéia era ter como locação Cascadura, que no entanto não deixou de ser citada. Um filme, diz Viany, que tem muito de lirismo e gozação também.

A seguir, em 54, veio *Rua sem Sol*. (Antes fez o roteiro de *Estouro na Praça*, para a qual Ari Barroso compôs quatro músicas até hoje inéditas). *Rua sem Sol* era "um melodrama de lascas, com ceguinha e tudo", roteiro de um espanhol. Alex Viany optou por dar um jeito meio carioca, gozando um pouco o próprio melodrama. Hoje, diz Viany, o filme acabou um documentário de um Rio que não existe mais, pois teve cenas filmadas na Lapa, na Praça 15, em ruas que hoje não existem e até uma no restaurante onde hoje é o MAM, no Aterro do Flamengo.

Todos os dois filmes foram premiados, o primeiro, argumento no Rio e direção em São Paulo; o segundo, direção no Rio e roteiro em São Paulo, deteve o prêmio Saci. Outro prêmio do qual se orgulha foi o que ganhou com um dos episódios de *Rosa dos Ventos*, filme do qual participavam cinco países: China, Itália, França, União Soviética e Brasil, e que falava sobre a situação da mulher. Escrito por Jorge Amado, quem ia dirigir era Alberto Cavalcanti que não pôde, pois retornou à França. Alex Viany acabou ganhando dois prêmios em Karlovy Vary, na Tcheco-Eslováquia.

*Sol sobre a Lama*, em 63, Alex não gosta nem de lembrar. Com interferências contínuas do produtor "que queria pôr no filme todas as suas mulheres", saiu um filme frustrado que o traumatizou a ponto de ficar 15 anos sem pensar em filmar novamente. Só gosta de lembrar da trilha musical, que, por idéia de Alex, uniu Pixinguinha e Vinícius de Moraes: "Eles mereciam um filme melhor".

*A Noiva da Cidade* é um roteiro que Humberto Mauro pensou no início da década de 50. Era apenas uma idéia, conta Viany, que alguém bateu num papel à máquina, pois Mauro não sabe escrever à máquina. É a história de uma mulher que sai de sua cidade em busca de paz. Lá todos os homens se apaixonam por ela e as mulheres a invejam.

— Muitas situações foram inventadas a partir da própria vida de Mauro, de suas experiências.

Para Viany, Humberto Mauro tem muito a ver com a primeira fase do Cinema Novo:

— Ele tem uma idéia de fazer cinema com pouco dinheiro, economizando. Não é fórmula mágica. É cooperativa. Em *Rio 40 Graus* tinha muito disso. Nelson Pereira conseguiu uma câmara de graça. O *Canto da Saudade*, que Mauro realizou em 1952, foi feito nessa base, sem dinheiro, por amor. De certa forma, o meu filme foi feito muito pelos meus amigos que entraram nessa comigo, mais de 40 pessoas, não muito preocupados com dinheiro.

O que Humberto Mauro achou do filme? Alex Viany lembra que Mauro está sempre gozando, nunca se sabe se está falando sério ou não. Antes de passar o filme, Alex avisou: "Os defeitos do filme são meus, as qualidades são suas". Depois do filme, Humberto Mauro respondeu: "O filme é só meu".

— Humberto Mauro — diz rindo Alex Viany — é um homem que mantém o bom humor. Brinca com a própria morte. No outro dia foi visitar sua sepultura e reclamou muito, achando que ela era muito pequena.

# FRANCIS HIME

## NOVO DISCO, MIL E UM PROJETOS, A MÚSICA SEMPRE EM MOVIMENTO

João Máximo

Mal acaba de lançar seu quarto disco, Francis Hime já pensa no quinto. E não só nele, mas em mil e um projetos que bem refletem seu temperamento de artista inquieto, dinâmico, efervescente, sempre pronto para começar e levar até o fim uma nova idéia. Entre esses projetos, há um trabalho mais coletivo com outros músicos, parcerias com Milton e Caetano, um disco instrumental, um álbum em que ele e Chico Buarque trabalharão em cima de versos de Drummond, Bandeira e outros poetas, uma viagem com Maria Creusa e Toquinho para levar a outros pontos do Brasil o show que os três apresentam, com sucesso, no Teatro da Galeria.

**A**O mesmo tempo em que, mais adiante, Francis Hime fala do quarto disco, lançado esta semana com um coquetel.

— Talvez seja o melhor que já gravei até agora. Pelo menos é o mais espontâneo, o mais despojado, aquele de que mais gosto.

O disco intitula-se Francis e realmente não obedece a nenhum esquema rígido. Nele, além das composições bem ao estilo do Francis Hime mais romântico e elaborado, com arranjos em que predominam as cordas, pode ser ouvido um samba de estrutura mais simples, só com flauta e violão, ou uma canção quase de câmara, com acompanhamento só de piano e celo. São vários, também, os parceiros, desde os mais antigos, como Chico Buarque e Paulo César Pinheiro, aos não tão antigos, como Cacaso, Tite de Lemos e Olívia Hime (esta capaz de momentos poéticos tais como "... no outono eu queimava de amor/ e as folhas caíam com calma/ ardiam nas cinzas da dor/ fumaça de incenso na alma...").

Embora o novo disco e os projetos futuros sejam seus assuntos preferidos, é inevitável tentar fazê-lo falar do passado. Afinal, num compositor, arranjador, pianista, regente e cantor que ainda não chegou aos 41 anos de idade e já tem 35 de vivência musical, com cursos no exterior e múltiplas experiências aqui e lá fora, o passado é quase tão importante quanto o presente. O próprio Francis parece reconhecer isso.

— Minha mãe era pintora, meu avô paterno tocava piano. Nasci e cresci num ambiente artístico. Aos seis anos de idade, já estava sentado ao piano, estudando. Mas era aquele negócio de pai e mãe obrigando o filho a ser músico. Se dependesse de mim, ia para a rua jogar bola.

Aos 16 anos — e já com sete de Conservatório — Francis vai cursar o maturité, em Lausane, Suíça. Os pais já estão separados, deixa de ser o piano uma obrigação. E no entanto é lá, frequentando concertos, conhecendo amigos interessados em música, que ele vai descobrir sua vocação. Antes, no Rio, só por fora levava a sério o estudo dos clássicos.

— Preferia o popular, os sambas-canções, as músicas de carnaval. Muitas vezes, enquanto eu estudava sob severa vigilância, improvisava temas populares, simulando escalas e arpejos para enganar minha mãe.

Na Europa, já não é preciso simular nada. Conhece amigos como Carlos Somlo, violinista e saxofonista com o qual forma uma dupla.

— As vezes tocávamos na rua, eu no acordeom, num frio de cinco graus abaixo de zero. E íamos sempre aos concertos.

Por essa época, antes de ter completado os 18 anos, começa a compor. Brahms, Tchaikovsky, Rachmaninof, os românticos de um modo geral serão suas influências. Revendo seus primeiros trabalhos, diz:

— Era uma música sem qualquer estrutura melódica e harmônica. Quanto ao ritmo, nem se fala. De qualquer forma, eu não pensava mesmo em seguir uma carreira musical.

Sua meta, em 1960, quando ele está de volta ao Brasil, é a Engenharia. Mas, sem que tenha consciência disso, alguns fatos já lhe haviam ocorrido de modo a mudar, tempos mais tarde, o seu destino. Em 1958, passando férias no Rio, conheceu Vinícius de Moraes, amigo da família.

— Lembrou-me de ter tocado para ele sua valsa Eurídice. O poeta, com aquele seu jeito de incentivar os jovens, de descobrir talento até mesmo onde não há talento algum, me deu uma força enorme.

Um ano depois, ligando o rádio em Saint Gallen, na Suíça, é colhido de surpresa pela voz de Agostinho dos Santos cantando Felicidade, um dos grandes sucessos internacionais do filme Orfeu Negro.

— Era um som que parecia vir do céu. Desconfiei ali que algo muito especial estava acontecendo na música popular brasileira.



O que ele terá oportunidade de confirmar no verão de 1962, em Petrópolis. Todos os dias são festas e reuniões musicais, na casa de um ou de outro, e nelas a figura quase mítica de Vinícius, cercado de jovens por todos os lados, Francis fica conhecendo Carlos Lyra, Baden Powell, Edu Lobo, Marcos Valle, Dori Caymmi, Wanda Sá e Olívia (na época namorada de Edu). Todos fazem música, todos tocam algum instrumento, todos cantam. E Francis, naturalmente, não é exceção.

— Colcheia, semicolcheia, colcheia, semicolcheia. A batida da bossa nova prevalecendo. Eu sabia muito pouco daquilo, mas os amigos, como João Maurício Nabuco, foram me mostrando. Tudo na base de muito uísque e violão. E, como sempre, Vinícius dando força aos jovens.

É em Petrópolis que Francis compõe seu primeiro sucesso, ele tirando acordes do violão. Vinícius lá da cozinha dando palpites, a música saindo aos poucos e, mais tarde, ganhando letra do próprio Vinícius. Sem Mais Adeus é gravada por Wanda Sá, Doris Monteiro, Elizeth.

Também em 1962, a aprovação no vestibular para Engenharia. E nos anos que se seguem, Francis dividido entre a música e o que supunha ser sua carreira. Continua compondo (coisas como Mar Azul, Se Você Pensar, A Dor e Mais ou Saudade de Amar, que marca o início do longo namoro com Olívia). E há também os arranjos, aprendidos sem professor, só na base da intuição ou de ver como Luisinho Eça faz. Ou os programas de rádio e televisão, o show com Dori Caymmi no Bottle's, tudo sem muito método, como se coisa séria em sua vida fosse, apenas, a Engenharia.

Em 1967, um desapontamento no Festival da Record. Ele e Ruy Guerra concorrendo com Por um Amor Maior, segundo muitos a grande favorita ao primeiro lugar. Mas há, nos bastidores, uma discussão mais ideológica do que musical, os membros do júri achando que, para o momento político, a vitória de Arrastão é mais importante do que a da favorita.

— O curioso é que nós dois, Ruy e eu, fomos acompanhar a final pela televisão na casa de Vinícius, autor da letra de Arrastão. Ficamos torcendo, cada qual por sua música, até o locutor anunciar a vencedora. Arrastão ganhou, mesmo, e Por um Amor Maior, que era a favorita, não passou de um sexto lugar. Foi uma decepção tremenda. Na época, ganhar o Festival parecia-me muito importante. Perdê-lo foi como se alguém me dissesse: "Viu, seu trouxa, vai ser engenheiro, que é a tua vocação."

Mas Francis, no fundo, sabe que a Engenharia é o modo de que se vale para disfarçar sua insegurança em relação à música. Chega ao último ano da faculdade — entre reprovações e trancamentos de matrícula — vivendo um conflito que só poderá ser solucionado se for até o fim do curso, com diploma e tudo. Mas, em 1969, ano do casamento com Olívia e da formatura, já sabe que a música é o seu caminho. Na noite em que seus colegas recebem o diploma, ele está se apresentando na televisão em São Paulo.

Pouco tempo depois, a ida para os Estados Unidos.

— Eu havia chegado à conclusão de que, a partir do AI-5, nada mais dava pé no Brasil. Era uma época de total obscurantismo.

Francis acha que, nos Estados Unidos, as condições serão outras. Ele — e também é o caso de Edu Lobo — pretende fazer outro tipo de música, mais elaborada, tecnicamente mais livre, como a música do cinema.

— Ingenuidade a nossa. A música do cinema pode ser mais elaborada, mas nunca mais livre. O compositor

de cinema jamais pode fazer o que quer, ele é apenas um elemento a mais na feitura do filme, um escravo da história, dos personagens, das cenas. Mas só descobri isso lá.

Em Los Angeles, quatro anos de valioso aprendizado: orquestração com Hugo Friedhofer (provavelmente o maior de todos os orquestradores da história do cinema), técnica de música para filmes com Lalo Schifrin e depois com David Raksin (o compositor de Laura e Assim Estava Escrito, dois clássicos no gênero), composição com Paul Glass (em suas aulas, a arte de escrever duos, trios, sextetos, toda sorte de música de câmara, obras que até hoje Francis mantém inéditas). Conhece, em Hollywood, Quincy Jones, o produtor Stanley Wilson, Albert Harris, que também dá aulas de orquestração a Edu Lobo. Procura diversificar os estudos. Violoncelo, por exemplo. E pensa seriamente em radicar-se lá (o nascimento da filha, Maria, abre caminho para a naturalização).

— Quando eu estava começando a escrever minha primeira sinfonia, durante as aulas do Paul Glass, chegou a hora de voltar. Meu sogro morrera, não tínhamos condições emocionais para continuar longe do Brasil. E voltamos. A sinfonia continua, até hoje, nos primeiros 22 compassos.

### Vinícius, Ruy Guerra, Chico, cada parceiro é sempre um acréscimo valioso

**E**M 1973, novamente o Brasil. Francis traz uma bagagem musical rara, inclusive com o curso de regência sob a orientação de Roy Rogosin.

— Reger, até então, sempre me dera certo pânico. Tinha medo de enfrentar uma orquestra, de ser engolido pelos músicos.

O primeiro disco, Francis Hime, pode não ter feito sucesso. De certo modo, mal foi notado pelo grande público. Mas contém algumas das melhores composições até 1973 (inclusive Minha, Atras da porta, Último Canto e Sem Mais Adeus) e revela no estreado um orquestrador impecável. No entanto, mesmo sem repudiar o disco, Francis pondera:

— É aquele primeiro trabalho de alguém que estudou muito e que quer mostrar, de uma só vez, tudo que aprendeu.

Os dois discos subsequentes — Passaredo, de 1977, e Se Porém Fosse Portante, de 78 — são trabalhos mais abertos, choro, baião, quadrilha, embolada, xôtiis, gêneros que até então não explorara, e também as canções que têm a sua marca inconfundível, a Ave Maria que compôs com Vianinha para peça Dura Lex Sed Lex, em Cabelo Só Gumex, as homenagens às três filhas em Maria (letra de Vinícius), Joana (instrumental) e Luiza (letra de Chico), ou ainda o já clássico Trocandos em Miúdos.

Artista múltiplo, há vários Francis Hime nestes três discos, como também no último, lançado agora. Ele

admite ter amadurecido nos sete anos de composição e gravação. Mudar, porém, acha que só a técnica vocal, hoje mais apurada do que em 1973. Mas houve outras mudanças que talvez nem o próprio Francis perceba. Mudanças que podem resultar tanto de sua busca de novos caminhos, a cabeça sempre fervilhando, como também do fato de ter incorporado, de forma quase inevitável, um pouco do espírito de cada parceiro constante, todos eles muito influentes.

O primeiro, Vinícius de Moraes:

— Um ser humano rico, transbordante de amor. Sabia de tudo, era o aglutinador de todos os talentos de nossa geração, muitos dos quais, graças à sua percepção e à sua sensibilidade, foram por ele descobertos. Vinícius sempre puxou pelo meu lado romântico. Criticava algumas de minhas tentativas de fazer música mais sofisticada, como no caso de Minha. Mas, no fundo, havia um certo ciúme do outro parceiro, Ruy Guerra. Com Vinícius fiz algumas de minhas melhores músicas.

O segundo, Ruy Guerra:

— Puxava pelo meu outro lado, menos popular, a música acompanhando os versos mais trabalhados. Com Ruy realizei um trabalho mais independente, ele dum lado, eu do outro, para só depois juntarmos música e letra. Era diferente de Vinícius, que corrigia música e sempre dava um palpite aqui e ali.

O terceiro, Chico Buarque:

— Conheci Chico numa festa, em 1966. Alguém sugeriu ali que fizéssemos música juntos, até mesmo que ele colocasse letra na melodia de A Dor e Mais. Mas Vinícius, sempre enclausurado, não deixou. Depois, em outra festa, durante umas férias que passei aqui em 1971, começamos a escrever juntos Atras da Porta. Lembrou-me bem, no meio daquela confusão toda, eu tocando a melodia no piano e Chico no outro canto escrevendo a letra. É incrível seu poder de concentração. Mas só a primeira parte ficou pronta. Viajei para os Estados Unidos e deixei a música e metade da letra numa fita para Elis Regina. Ela adorou, decidiu incluí-la em seu próximo disco. O fato é que o disco ficou pronto e a segunda metade da letra, nada. Chico só a completou em cima da hora.

A parceria com Chico, Francis admite dever seus maiores sucessos populares — Atras da Porta, Passaredo e, muito especialmente, Meu Caro Amigo — além de suas experiências no teatro, de forma mais íntima e profissional do que na peça de Vianinha, como diretor musical de uma das montagens de Gota d'Água, como compositor de Rei de Ramos ou como arranjador do disco Opera do Malandro.

Mas Francis não vai parar nestes parceiros. Já fez música com Paulo César Pinheiro, Edu Lobo, caso, Tite de Lemos, Carlos Queiroz Telles, Renata Paes, Olívia. E está agora pensando em Milton e Caetano. Nada e estático, acabado, pronto, definitivo. Sua obra caminha. Para onde? Posso importar.

— Não vejo por que as coisas têm de ser preferencializadas, traçadas a distância, planejadas com muito rigor.

Definitiva, mesmo, só a paixão pela arte de orquestrar ("Prefiro escrever arranjos do que compor... na verdade, escrever arranjos é uma forma mais difícil e mais fascinante de compor...") Às vezes, perde toda uma noite trabalhando em três ou quatro compassos de um arranjo, brigando com as notas, acetando o desafio das harmonias, misturando instrumentos, combinando sons, sofrendo.

— Mas sempre acabo achando que valeu a pena. Com o que todos concordam.



Ao piano — um companheiro de 35 anos — o compositor, arranjador, cantor e músico completo Francis Hime vai criando seus sons e trabalhando seus projetos

# COMPRE AGORA ESTAS OFERTAS SEM SAIR DE CASA!



## Jardim Suspenso

Tubos sem costura em alumínio anodizado, com pintura fosca na cor grafite escuro. Os quatro tubos, mais a haste com mola, se encaixam facilmente. Fixação automática do chão ao teto por simples pressão de molas.

**Não é necessário chumbar, nem parafusar nada.**

Quatro hastes em ferro maciço, para quatro vasos, que também se fixam automaticamente à haste central. O Jardim Suspenso se adapta perfeitamente a qualquer ambiente com pé direito de altura normal (até 3,18 m).

somente  
**Cr\$ 2.300,00!**

## Lacromcar

A tranca que desanima qualquer ladrão. Tranca o freio e a direção. A única tranca totalmente fabricada em aço especial a prova de corte. E serve para qualquer carro, nacional ou estrangeiro. Você troca de carro e conserva a sua Lacromcar.

somente  
**Cr\$ 1.995,00!**



Cadeado especial com chave Tetra (4 chaves em 1)

## Como comprar

Juntamente com o cupom, envie cheque nominal no valor total de sua compra, acrescido do frete, conforme tabela, à

POSTAGE Ltda. - Rua da Consolação, n.º 3368

- Caixa Postal n.º 97 - CEP 01416 - São Paulo - SP - Fone: (011) 280-4610.

## Em São Paulo

Estes produtos e uma infinidade de outros presentes, lançamentos e novidades acham-se em exposição e à venda na loja POSTAGE, à rua da Consolação, n.º 3368, CEP 01416, entre alameda Lorena e rua Oscar Freire, fone (011) 280-4610, São Paulo, SP. Venha nos visitar.

### TABELA DE FRETES

(Os preços de fretes indicados na tabela abaixo são fixos para qualquer quantidade de produtos adquiridos. Assim, é vantajoso comprar mais de um produto.)

- Município de São Paulo e Grande São Paulo: Cr\$ 200,00.
- Interior do Est. de São Paulo e Est. do Rio de Janeiro: Cr\$ 300,00.
- Demais Municípios brasileiros: Cr\$ 500,00.

PRESENTES NOVIDADES  
**Postage**

Venha nos visitar

Se você preferir não danificar sua revista, faça seu pedido por carta, telegrama ou telefone.

### CERTIFICADO DE RESERVA E COMPRA

Sim, adquiro agora o(s) seguinte(s) produto(s) VE 622 abaixo especificado(s):

**TRANCA LACROMCAR** (com cadeado Tetra).  
Cr\$ 1.995,00 x ..... unidade(s) = Cr\$ .....  
**JARDIM SUSPENSO**  
Cr\$ 2.300,00 x ..... unidade(s) = Cr\$ .....  
Total Geral (mercadoria(s) + frete) = Cr\$ .....

Nome completo: \_\_\_\_\_  
Endereço completo: \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_ Cep: \_\_\_\_\_  
Cidade: \_\_\_\_\_ Est: \_\_\_\_\_  
Telefone: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_  
Cheque nominal n.º: \_\_\_\_\_ Banco: \_\_\_\_\_

Nós entregamos no endereço que você indicar em qualquer município do Brasil.



As duas faces do incansável Adoniran Barbosa



## O amigo da noite

Aos 70 anos, um LP e uma festa para Adoniran

Esta é a história de um filho de imigrantes italianos que abandonou a escola antes de completar o curso primário; que entregou marmittas; pintou paredes; consertou canos entupidos; serviu refeições na casa do ministro da Guerra Pandiá Calógeras. Vagou pelas ruas de São Paulo como um andarilho em busca de diversões noturnas e, um belo dia, fascinou-se com a idéia de ser um artista. Queria fugir da monotonia, do emprego após emprego que seu temperamento impaciente não conseguia segurar. Seu nome era João Rubinato e, quando abriu a boca para mostrar seus sambinhas, o falatório foi geral: esquisito aquele sujeito meio atrapalhado que cometia terríveis erros de português, tinha uma voz rouca e nenhuma pinta de galã.

O desenrolar desta história faria chorar as criancinhas: João passou a chamar-se Adoniran (homenagem a um amigo, funcionário dos Correios) e o Rubinato virou Barbosa (por causa do cantor Luís Barbosa); passaram-se quase quarenta anos até que Adoniran Barbosa gravasse seu primeiro disco (em 1974) e um pouco mais para que ele fosse reconhecido como um personagem importante dentro da música popular brasileira, tão importante

quanto Dorival Caymmi ou Cartola, além de acrescentar a sua biografia o fato de ter inaugurado o que se costuma chamar "samba paulista". Esta semana, na quarta-feira, Adoniran Barbosa completa 70 anos de vida e recebe a homenagem que ele aceita com mágoas: um disco (ADONIRAN BARBOSA, Odeon) comemorativo em que o produtor Fernando Faro e todos os que dele participam (Clementina de Jesus, Clara Nunes, Elis Regina, MPB-4, Gonzaguinha entre outros) parecem querer redimir as culpas de uma memória que o Brasil não costuma preservar. Adoniran preferia, como no samba de Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito, "que se alguém quiser fazer por mim que faça agora". Só que seu passado tem injustiças demais para que apenas hoje elas sejam redimidas. "Por que não me procuraram há vinte anos atrás?"

**BOÊMIA** — Havia uma certeza no coração inquieto deste paulista nascido em Valinhos, que o talento de um artista pipocava em seu peito, desde que, Jorge Amaral, em 1933, optou pela vida — que ele acreditava folgada — de um cantor. Adorava a boêmia — de do escurecia, eu começava a viver", suas frases famosas, definia aquela quase brincadeira que era a sua vida com um sensível senso de humor: "Nóis ganha pouco, mais nós se diver-

Por essas e outras frases, pelas letras de suas músicas (*O Arnesto nus convidô/Prum samba, ele mora no Brás*, "Samba do Arnesto"), Adoniran foi catalogado na mais cruel das definições que um artista vivo pode suportar: o folclore engraçado. É certo que Adoniran, talvez para enfrentar essa condição com um toque muito pessoal, criou em torno de si a imagem de um humorista que absolutamente não ligava para o que dele pudesse pensar a classe intelectual. A casa onde mora, na Cidade Ademar, bairro da periferia de São Paulo, recebe apenas convidados especiais. Fala pouquíssimo sobre sua vida particular. Sabe-se que Adoniran casou pela primeira vez em 1935, quando ganhava um salário de 300 000 réis, teve uma filha que mora hoje no Rio de Janeiro com o neto e desde 1943 vive seu segundo casamento, com Matilde.

**PALHAÇO** — Define-se como um compositor que não gosta do que faz, que precisa sair de casa todos os dias e ir para o trabalho (comparece regularmente à gravadora Odeon e visita as rádios, trabalhando suas músicas) porque "senão eu morro", não vai a outros Estados para fazer seus shows com o Conjunto Talismã (foi apenas duas vezes ao Rio de Janeiro e uma a Curitiba) porque "desconfio que eles não me conhecem", bebe uísque todos os dias e fila cigarros de qualquer um, até mesmo dos desconhecidos que en-  
contra no meio da rua.

VEJA, 6 DE AGOSTO, 1980



Ω  
OMEGA

Omega De Ville Quartz. Fotografados no Café Florian, Veneza.

EM TODO O MUNDO AS MELHORES  
COISAS ESTÃO SEMPRE JUNTAS.

# A Colômbia está na moda. Voe pela Avianca para onde as férias custam menos.

Cartagena e todo o magnífico Caribe colombiano.

Compras no melhor tax-free shop das Américas.

Hotéis famosos com luxuosos cassinos.

As esmeraldas mais valorizadas do mundo.

Compre barato onde Dior, Cardin, Rodier e Saint Laurent fabricam na América do Sul.

Entende-se o portunhol. Câmbio favorável.

Únicos vôos diretos.

Preços especiais para excursões.

Consulte o seu Agente de Viagens ou a



## Avianca

A primeira linha aérea das Américas

Rio de Janeiro: Rua México, 11-C  
Tels.: 240-4413, 240-4513, 240-4563  
São Paulo: Av. São Luiz, 258 - sobreloja 10.  
Tel.: 259-8455.

Mas, para aqueles que vencem a primeira barreira, Adoniran revela uma personalidade bem diferente do homem que não só é responsável por sucessos como "Saudosa Maloca", "Trem das Onze", "Iracema", mas que também ficou conhecido como o humorista que criou, por exemplo, o "Zé Cunversa", crioulinho da Barra Funda que namorava as empregadas e se vestia com a roupa do patrão, o "Perna Fina", chofer do largo do Paissandu e o célebre "Charutiño", outro crioulo folgado que não fazia nada. "Charutiño" era a grande atração do programa "Saudosa Maloca" da Rádio Record e ficou quase dez anos no ar. "Saudosa Maloca", aliás, marcou sua união — hoje abandonada — com o conjunto Demônios da Garoa e foi também o seu primeiro grande sucesso popular. "Sou um palhaço muito triste", confidenciou ele a um amigo. A impaciência de um senhor de 70 anos, piadista e brincalhão foi substituída pela profunda tristeza de um homem que é capaz de comprar um frango vivo para o almoço de domingo e construir um viveiro — já que não encontrou dentro de si nenhum motivo que o convencesse a sacrificar o animal. Pela habilidade de um homem que já enfrentou várias profissões e hoje se dedica a construir brinquedos no fundo de sua casa, só para divertir as crianças do bairro nas tardes de domingo.

**PADEIROS E FAVELADOS** — A obra de Adoniran, reduzida mas significativamente retratada neste disco, no fundo revela a tristeza conformada dos homens que ajudaram a construir a cidade de São Paulo. São os choferes de táxi, os engraxates, os padeiros, os favelados e os vagabundos da noite. Seus parceiros sempre foram os amigos da noite, os que acreditaram em sua musicalidade de marca registrada.

Aos 70 anos, Adoniran Barbosa é um personagem que, como São Paulo dos anos 40, já não existe mais. No domingo passado, o bairro da Bela Vista, mais conhecido como Bexiga, o qual ele freqüenta há anos sem jamais ter morado, recebeu Adoniran para uma festa típica do bairro mais paulistano da cidade. Teve missa de manhã, futebol à tarde, show ao escurecer e macarronada à noite, um cotidiano que conserva hoje poucos seguidores: o velho Adoniran agradece mas não se emociona. "É como diz o deitado", diz ele, "Deus dá milho pra cavalo sem dente."

REGINA ECHEVERRIA

## Canção feminina

Em cinco discos, novas e velhas cantoras

■ A capa do novo disco de Fátima Guedes (Odeon) é a mais bonita deste ano. No caderno-disco (criação de Elifas Andreatto) da cantora-compositora, há sete páginas pautadas com desenhos de sol, borboleta e as letras das canções. Fátima escreve longas redações sobre o trabalhador cansado que não vê o corpo da mulher "em brasa" ("Trastes"), sobre a favelada que tem filho sozinha no barracão ("Mais Uma Boca"). E canta tudo isso com expressão de revolta colegial, acentua as últimas notas das frases com agudos de exagerado espanto.

JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS

■ "De cama em cama, de bar em bar", diz uma música de Marina com seu irmão Antônio Cícero, "Rastros de Luz". É esse itinerário que ela percorre nas dez faixas de OLHOS FECHADOS (Ariola), um viva ao erotismo êbrio do baixo Leblon. O exemplo mais inspirado é "Nosso Estranho Amor", que ela canta em parceria com Caetano Veloso, o autor: *Não importa com quem você se deite/Que você se deleite seja com quem for.* A voz de Marina tem uma estranha modulação



Marina: um programa monótono

VEJA, 6 DE AGOSTO, 1980

# Nestlé

faz o melhor chocolate.



trôpega, parece saída de um fim de noite nos bares cariocas. Dez vezes seguidas, no entanto, é programa bem monótono. J.F.S.

■ A voz de Nana Caymmi tem características absolutamente pessoais. O tom é delicado como o das mães nas cantigas de ninar. A rouquidão transforma os ambientes na calma do fim das tardes e a segurança com que enfrenta os agudos dá a sensação tranqüilizante de saber que seu ouvido jamais cometerá o pecado da desafinação. Por tudo isso, Nana Caymmi precisa de um repertório também especial. Seu novo disco (MUDANÇA DOS VENTOS, Odeon) revela a fineza e bom gosto de quem está atento para o que a canção romântica brasileira representa hoje. Assim, escolheu Sueli Costa e Abel Silva ("Pérola"), Joyce e Maurício Maestro ("Mistérios") e até Djavan ("Meu Bem Quer", numa interpretação reveladora) e Ivan Lins e Vítor Martins ("Mudança dos Ventos"). Nana, 39 anos, cinco LPs, ainda é invencível como a cantora dos males do amor. R.E.

■ A cantora pernambucana Guadalupe tem bons amigos entre os mais importantes compositores brasileiros. Para este seu primeiro disco (PRINCE-



Teti: uma injustiça a reparar

SILAS DE PAULA

SA DO MEU LUGAR, RCA), recebeu canções inéditas de Rita Lee, Tom Jobim, Hermeto Paschoal, Ivan Lins, Gilberto Gil, Gonzaguinha, Vinicius de Moraes, Sueli Costa. Infelizmente, nenhum dos compositores mandou o que tinha de melhor. Gonzaguinha, por exemplo, está irreconhecível em "Levanta Seu Moço". Mas Guadalupe não se incomodou. Afinal, gosta muito deles. E, para que ninguém se aborresse, uma faixa corresse o risco de ficar melhor que a outra, ela apresentou tudo da mesma descolorida maneira.

Guadalupe tem uma vozinha pequeninha, canta no estilo triste-bolerista ao gosto das "novas cantoras" que estréiam e morrem diariamente. Nem parece mulher do esfuziante sanfoneiro Dominginhos. J.F.S.

■ Aconteceu com Maria Elisete Moraes de Oliveira Rogério, a Teti, um daqueles mistérios que cercam alguns artistas. Começou a cantar com o Pessoal do Ceará em 1966 e esteve ao lado de todos os nomes que, saídos de Fortaleza, conseguiram vencer no sul — Fagner, Belchior, Ednardo, Amelinha, por exemplo. Inexplicavelmente, porém, sua carreira foi a mais apagada de todas. Mistérios, porque Teti é, com certeza, tão ou mais talentosa do que alguns deles. Aos 35 anos, gravou agora seu primeiro LP (EQUATORIAL, CBS). O disco traz um repertório denso ("Barco de Cristal", Rodger Rogério/Clodo/Fausto Nilo, "Passarás, Passarás, Passarás," Petrucio Maia/Capinam) e, em todas as faixas, um trabalho de arranjos raramente visto nos lançamentos atuais. Fora isso, Teti tem uma potência de voz — voltada para os agudos — invejável. Se o momento é de reparar injustiças, Teti deveria conquistar o que lhe falta: sucesso. R.E.



Panelli Motta Cabrera & Associados Consultores

GERENTE GERAL - HOTEL NORDESTE

De alguns anos para cá, em função do ritmo de crescimento e da qualidade dos serviços prestados pelo turismo receptivo brasileiro e da importância crescente de outras capitais, fora do eixo São Paulo-Rio, no cenário dos "negócios" no Brasil, o setor de hotelaria teve que se ajustar a uma nova realidade, oferecendo ao público usuário hotéis de categoria situados em, praticamente, todo território brasileiro.

Desta forma, para cá vieram algumas cadeias internacionais e outras, domésticas, cresceram e se consolidaram. Ambas, porém, apresentam em comum a característica de estarem oferecendo ao público em geral serviços de alta qualidade (padrão 5 estrelas). Algumas apresentam ainda planos de expansão concretos, exigindo um grande esforço organizacional no sentido da formação e fixação de um quadro de pessoal à altura das expectativas. O caso de nosso cliente apresenta um perfeito "encaixe" nesta definição, pois se trata de uma cadeia emergente, que já de algum tempo vem atuando com sucesso reconhecido.

Sabemos que não é fato muito comum contratar profissionais de hotelaria, a nível de gerência geral, por meio de empresas especializadas, como a nossa. Existe, neste caso, uma razão: é que quando se pretende contratar o que de melhor possa existir em termos de um executivo específico, tanto maior a necessidade que se tem de explorar profunda e convenientemente o segmento de mercado considerado. Este é o nosso propósito.

Estamos portanto, através desta mensagem, convidando elementos que já gerenciam hotéis de inquestionável padrão, para um diálogo preliminar conosco, ocasião na qual poderemos trocar idéias amplas a respeito do assunto que estamos conduzindo. Por ora, podemos citar apenas o fato de que o hotel, para o qual este trabalho está sendo realizado, está ligado a um importante grupo empresarial, situa-se em uma das mais importantes capitais do nordeste, é de padrão 5 estrelas e tem porte adequado para a região.

O elemento que buscamos deverá apresentar formação específica em hotelaria, fluência em português e inglês (e se possível em outros idiomas) e vivência na gerência de hotéis de categoria. Se possível, solicitamos o estabelecimento de contato através de currículo. Para um início de entendimento, estabelecemos um adequado programa de reuniões, para uma abrangente discussão do assunto.

Av. 9 de Julho, 5966 - 10.º and. - CEP 01406 - São Paulo - Tels.: (011) 853-5307 - 282-8980

Quando o acessório é perfeito deixa de ser um simples detalhe.



ACESSÓRIOS

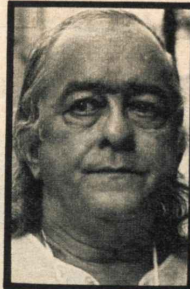


Avenda no seu Revendedor Autorizado Volkswagen.

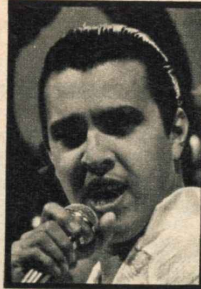
AMIGA

06/08 / 180 P=533

Quem quiser feijão  
tem que ir ao Japão...



**Vinicius de Moraes**, gente, talento para dar e vender. Foi com grande tristeza que o Velho Guerreiro recebeu a notícia a respeito do "Poetinha". **Vinicius** não morreu, ele está aí mais vivo do que nunca, através da sua obra maravilhosa, que jamais vamos esquecer.



**Sidney Magal** está fazendo temporada na "Buzina do Chacrinha" e na "Discoteca do Chacrinha". Cantor "Cigano", agora de novo layout, está divulgando a sua música "O Amor Não Marca a Hora".

## Depois de Elis, só Roberto paga em dia

Babi Castro

**LADY Francisco**, mulher maravilhosa, contrariando o ditado que diz "faça o que digo, mas não o que faço". A Lady, que se comporta dentro dos rigorosos padrões da T.F.M., concedeu estranha entrevista. Podem inverter o dito popular: façam o que ela FAZ, não o que ela DIZ.

**TOQUINHO** deu entrevista infeliz, antes da morte de Vinicius. Acontece com qualquer um, numa hora de queimação. Agora, morto o poetinha, invejosos tentam comprometer o grande compositor. Pois ficam sabendo que, antes da tragédia, eles já haviam feito as pazes.

**TARCÍSIO Meira** parou uma feira "hippie", em São Paulo. Bigodões, cabelos negros e sotaque nordestino (a mudança é para a nova novela) não diminuíram seu sucesso com as menininhas. Quem não gostou nada foi a Glória Menezes. Estranho, né?

**ALFREDO Borba**, que tem sólida situação financeira (é dono de postos de gasolina, bar etc. apesar do "Karmanguia" à antiga), é o mais temido jurado de São Paulo. Conta o bom Valentim, da produção **Silvio**, que os calouros tremem diante dos gritos de Borba.

**FERNANDO Eiras** recusa qualquer sugestão para tirar a birruquinha-charme. Tendo seu pai **Haroldo** como empresário, já conseguiu o que poucos dos veteranos conquistaram: apartamento, muita grana na caderнета e está de olho numa casa da Barra. Rápido, né?

**JERRY Adriani**, sem pretender fazer a transformação do seu colega **Sidney Magal**, vai continuar com o mesmo e lindo visual. A mudança será no repertório e algumas concessões ao gênero. Segundo o **Othon Russo**, o novo disco será bom e comercial.

**ELIS Regina** é das que melhor pagam aos músicos. É só ter nervos para aceitar algumas das explosões da "pimentinha" e tudo bem. Outro que também é de "meter a mão no bolso" é o **Roberto Carlos**. Cada profissional recebe 80 milhas mensais.

**FLAVIO Cavalcanti**, que liderou a greve (justa) da Tupi, foi abandonado, no caminho, por muitos colegas. O atraso de salários levou o produtor a perder sua bela mansão, no bairro Caxambu, em Petrópolis, e ele acabou sem emprego. Há muitas ofertas, mas **Flávio** ainda não se decidiu. F.C. é dos que não perdem a pose. Muito bem.

DEIXA EUDAR UM CALOR NELE...



**FERNANDO Leite Mendes**, o poeta, não é bonzinho apenas diante das câmaras. Ladrão que tentou invadir sua mansão, em Santa

Teresa, foi solto por sua ordem. Depois de ouvir a palavra do jornalista e apresentador, o rapaz saiu chorando e jurando não mais assaltar.

# Giba Um

## Chico Buarque no cinema

● O que nenhum cineasta brasileiro conseguiu é um feito de autoria do cineasta argentino Maurício Berú: fazer um filme sobre a vida e a obra de Chico Buarque de Hollanda, com a sua participação, claro.

● O filme, que estréia em outubro, está pronto e tem o título de "Certas Palavras com Chico Buarque". As filmagens foram realizadas em São Paulo, Embu e Rio, na casa de Chico, nos estú-

dios de gravação da Philips e na casa de Sérgio Buarque de Hollanda, seu pai.

● Além de Chico e a família, participam da biografia musical (é assim que Berú define o filme), Caetano Veloso, Maria Bethânia, Vinícius de Moraes (sua última aparição em vida), Toquinho, Francis Hime, Ruy Guerra, Miúcha e Sérgio Buarque de Hollanda.

## Sem Wagner e Strauss

● Mesmo sabendo que essa exigência bloqueia um vasto repertório sinfônico, Zubin Mehta, que comanda, hoje à noite, no Anhembi, a apresentação da Orquestra Filarmônica de Israel, não se irrita quando os músicos lhe pedem que não prepare peças de Wagner nem de Strauss.

● A razão do pedido é simples: Wagner era o compositor preferido dos nazistas e Strauss chegou a reger a Orquestra de Câmara do III Reich, tendo sido condecorado por Hitler.

● Ainda Mehta: amanhã, no concerto que será dado no campus da USP, a Filarmônica tocará os hinos nacionais do Brasil e de Israel. Mas, não é uma execução por motivos oficiais: é que Mehta gosta muito da composição de Francisco Manuel da Silva, como também gosta do Brasil.

● Até já esteve de férias, incógnito, nos últimos anos, pescando no Araguaia.



O mais premiado discotecário do Brasil, Ricardo Lamounier, fotografado no Le 78, em Paris, ao lado de Caroline de Mónaco (sozinha, por sinal): ele vem a São Paulo, dia 14, especialmente para a festa de inauguração do Roxy Roller.

## Noite de Moscou

● A noite de Moscou, pelo menos para alguns boêmios ocidentais que se aventuraram a acompanhar de perto as Olimpíadas, é simplesmente decepcionante.

● Não apenas pela falta de onde ir mas especialmente pela falta do que consumir. Exceção feita, é claro, à vodca e ao caviar, relativamente baratos e sempre fartos.

● Champanhe é impossível, vinhos franceses não existem por lá e, pelos bares dos hotéis, podem ser consumidas apenas duas marcas de scotch.

● E quem foi até lá pensando em gastronomia, voltou engasgado até aqui de tanto comer Frango à Kiev.

## Pitanga e poesia

● O marchand pernambucano Carlos Ranulpho, que acaba de chegar a São Paulo, trouxe cinquenta litros de licor de pitanga feitos por mãos de freiras de Recife para a noite de lançamento (amanhã, na galeria Ranulpho) do álbum de arte "Gilberto, Poeta: Algumas Confissões", de Gilberto Freyre.

● A edição é em comemoração dos 80 anos do escritor (a propósito: ele não gosta de ser chamado de "mestre Giba", como insistem alguns e sim de "mestre Freyre") e contém seus poemas inéditos, além de gravuras de Virgílio, Lula Cardoso Ayres, Jenner Augusto, Aldemir Martins e Reynaldo Fonseca, ou seja, o "crème de la crème" das artes plásticas do nordeste.

## Os "maitres"

● A última edição da revista Esquire ensina os americanos (e bem pode ensinar os brasileiros também) a enfrentar a arrogância, o mau-humor e — por que não dizer? — a má educação da maioria dos maitres franceses, sempre dispostos a humilhar um turista.

● Anote: 1. Jamais fazer uma pergunta sobre vinhos ou comidas (eles sabem tudo); 2. Perguntar-lhes exatamente o que se supõe que eles jamais responderão (eles morrem de vergonha e sentem-se humilhados); 3. Jamais olhar para eles: fazer os pedidos, de maneira infalível, olhando para o menu ou para o prato, numa demonstração de que se é superior.

● Quem se habilita?

## 1932 no cinema

● Está pronto — e muito esperado pelos círculos mais tradicionais de São Paulo — o curta-metragem "A Revolução de 32", que, com material cedido pelo Acervo Mário de Andrade, Arquivo Edgar Leuenroth e M.M.D.C., mais citações de obras sobre o assunto, pretende passar a limpo a chamada "guerra paulista".

● A produção é de Aurora Duarte e a pesquisa e direção de Afonso Henriques Duarte, mais as vozes de Marília Gabriela, Sérgio Mamberti e Mathilde Millan, além de citações de Guilherme de Almeida e Martins Fontes e Ibrahim Nobre e Armando de Salles Oliveira.

## Feira da Bondade no ABC

● Em benefício das APAEs do Grande ABC, será realizada entre 21 e 24 deste mês, no Parque Duque de Caxias, em Santo André, a I Feira da Bondade de lá, contando com a participação de mais de 500 voluntárias que trabalharão em 40 barracas.

● A feira — como a de São Paulo — pretende arrecadar recursos para que as entidades de lá possam dar continuidade ao programa de atendimento ao excepcional do ABC e cidades vizinhas, beneficiando mais de 1.600 crianças, já regularmente atendidas.

IN e OUT — Se usar "trainings" com sapatos de salto alto (agulha) já é "out", incrivelmente "out" é usar esses agasalhos esportivos com botas de cowboy. Anotem.

## A sogra do Tarzan

● Quem regressa ao Brasil, na semana que vem, é Bo Derek, a "mulher nota 10" (seu filme também entra em cartaz na mesma época), que vem acompanhada por seu marido e descobridor, o ex-ator John Derek.

● O casal vai diretamente para o Rio de Janeiro onde, nas florestas da Tijuca, começam a rodar as novas aventuras cinematográficas de Tarzan, com Bo fazendo o papel de Jane.

● O Tarzan será desconhecido (chama-se Lee Canalito) e há um papel para uma atriz brasileira, que será a mãe de Jane, ou seja, a sogra do herói das selvas.

## Nada de ostentação

● A mulher elegante tem um guarda-roupa pequeno, com peças escolhidas a dedo, que se harmonizam entre si, de corte impecável, estilo clássico, jovem e bonito. A peça básica é um chemisier pretinho, azul-marinho ou marrom-escuro para todas as ocasiões, desde o luto até o chá com as amigas, o almoço ou o jantar com o marido.

● Quem afirma é o figurinista Paulo Roberto (o único brasileiro que já criou vestidos para Maria Callas e até um jogo de jantar para Farah Diba) que acha que a moda que está se vendo por aí, além de carregar o orçamento da mulher, pode torná-la deselegante. Afinal, poucas são aquelas que sabem "carregar" os modismos do mercado.

## Queijos e vinhos

● Ira e Paulo Figueiredo receberam, em sua casa do Morumbi, grupo de amigos, na base da open-house, para uma noite de queijos e vinhos (e também muita vodca russa) em comemoração ao aniversário dele.

● Os convidados espalhavam-se os vários salões da casa e entre muitos, viam-se Renata e Carlos Eduardo Moraes Barros, Regina e Luís Thompson, Adriana e Paulo Bastos, Maria Lúcia e Charles Forbes (ela aderindo ao penteado Ligia Fragonnard), Ana Maria e Antônio Carlos Castrutti.

## BATALHA DIÁRIA

● Ana Maria e Bené Sampalo Barros retornando a São Paulo, depois de férias na fazenda, onde tiveram como hóspedes, entre outros, Vera Muller e Gegê Cunha Bueno.

● Seguindo para uma temporada em Foz do Iguaçu, com a mulher Célia e os filhos, o plástico Carlos Pollini.

● Dimas Schiltini festejou seu aniversário, no Medieval, recebendo grande grupo de amigos: Helê Fernando Pinheiro, José Nunes, Guncho Mactel, Ezio Valente, Maria Alcina, Miriam Batucada, Beth Duran, Consuelo Leandro e Stephan Gardemann, Darcy Penteado e tutti quanti.

● D. Zilda e o ex-Governador Laudo Natel foram conhecer o Engenho e Arte, do Senac. Em outra mesa, estavam Jacques Glaz e Marta Waechter, mais firmes do que nunca.

● Chica e Paulo Setúbal seguindo para um fim-de-semana em Portillo.

● Cito e Eleonora Mendes Caldeira ciceroneando, pelos locais da moda, Regina e Paulo Fernando Marcondes Ferraz, from Rio.

● Anotem: mis um aumento no preço dos automóveis vem aí. Será em setembro e da ordem de 40 por cento.

● Ignácio de Loyola Brandão autografa o seu "Cuba de Fidel", dia 22, no stand da Nobel, na VI Bienal do Livro. E Ivan Angelo autografa "A Casa de Vidro", também lá, dia 23.

GILBERTO DI PIERRO

06/08/80

## Vende-se uma cirrose

**C**IRROSE, de acordo com os dicionários significa "endurecimento de um órgão em consequência do aumento de tecido conjuntivo". Para o homem comum, CIRROSE é doença de cachaceiro; doença que ataca o fígado pelo hábito da bebida alcoólica.

Só mesmo um poeta como Vinicius de Moraes teria a sensibilidade de colocar o nome de uma doença num bar e restaurante; só mesmo o seu poder criador e sua irreverência. Daí surgir as controvérsias; daí as polêmicas. Para uns é de mau gosto e atrai negatividade, para outros não, funciona. Muitos acham o nome, lindo!

Talvez tivesse feito sucesso se não fosse elaborado nos moldes elitistas, para uma classe elitista, num bairro de elite. O nome, muito vulgar para um bar e restaurante "chic"! Não combina. É a contradição, própria dos grandes homens.

O local é agradável, Ipanema; a casa é aconchegante com seus móveis de estilo antigo, com mesas de pedra mármore e pés de máquina-singer, cadeiras de palhinha e verniz negro; bastante planats, música e uma boa cozinha, além de um pessoal bastante simpático. Muito aristocrático para o nome e o gosto popular.

Vinicius não teve muito tempo para gozar de sua irreverência e nem tampouco do sucesso que seria o seu bar. Por isso mesmo o seu CIRROSE está à venda. Feio nome ou será a falta de Vinicius?

Portanto conselho àqueles que nunca foram ao CIRROSE de Vinicius, aproveitem; aqueles que gostam de suas músicas, de suas poesias e que admiravam o homem Vinicius, corram e passem uma noite sentindo a presença de seu ídolo no bar que é seu, por isso se chama CIRROSE, e que brevemente deixará de existir. Pelo menos aqueles que não o

conheceram pessoalmente, dirão para seus filhos e netos: eu frequentei o bar de Vinicius de Moraes, sabia! Chamava-se CIRROSE!

É mais uma vez uma imaginação criadora, dotada de beleza e grande sensibilidade, muda o sentido das coisas. CIRROSE deixou de ser sinônimo de doença para ser sinônimo de música, poesia e amor; porque era assim que Vinicius pretendia que fosse o seu bar. Lugar aonde pudesse papear com seus amigos e admiradores, tomando seu uísque, falando de suas mulheres e criando os seus versos. Mas o destino reservou pouco tempo para ele curtir o seu bar, e por isso o CIRROSE mudará de edono, talvez de nome ou quem sabe, deixará de existir para tornar-se uma casa de moda ou um escritório frio de arquitetura ou algo parecido.

É realmente de se lamentar.

Todas as lembranças de um deus deveriam ser preservadas, principalmente as mais belas.

06 / 08 / 80

○ **TRABALHO crítico de Luiz F. Papi**, Cartilha Anticrítica (Ed. Cátedra-MEC, 1979), pertence à linha daquele que sempre foi desenvolvido por figuras admiráveis como Mário de Andrade, Álvaro Lins, Otto Maria Carpeaux ou Tristão de Athayde. Esse trabalho faz da crítica uma criação paralela e não simples "exercício parasitário". Para tanto, como observa Franklin de Oliveira no prefácio à Cartilha, é preciso, porém, que o crítico seja antes de tudo um escritor. "Esta exigência não visa a atender apenas à qualidade do texto crítico. Se é certo que o padrão do discurso crítico a reclama, também a exige o ato mesmo de penetração na obra de arte em torno da qual a crítica se desenvolve." Concordo inteiramente com estas palavras de Franklin de Oliveira.

Papi é autor de uma poesia participante, engajada, vigorosa e que não se deixa levar pelo desprezo à expressão poética. É o que se sente em seu último livro de poemas, Este Ofício (1976). Agora

com essa coletânea de críticas e resenhas, temos em outro campo mais uma prova de sua inteligência e sensibilidade.

O primeiro artigo do livro, que dá título à coletânea, já revela a sua responsabilidade cultural no que toca à importância de um desenvolvimento consciente da crítica literária. Assim, escreve ele: "Os artefatos de laboratório resultantes do excesso de teorização teriam forçosamente de abrir um fosso de repulsão entre a crítica assim manipulada e o leitor de nível mesmo acima da média. De onde é fácil concluir que foi a crítica especializada que se afastou da imprensa, e não esta da atividade crítica. E o curioso é que o grosso da crítica de raízes universitárias vê nesse fato salutar e bem-vindo sintoma de evolução da ciência literária. As honrosas exceções, por sinal mais numerosas fora da Universidade, são as que nutrem sua visão do âmbito humanístico da realidade social dinâmica, e não na oca neutralidade exegetica."

## Por uma crítica humanística

FLÁVIO PINTO VIEIRA

No parágrafo acima, estão os pontos principais da posição intelectual de Papi, um mineiro de 58 anos, radicado no Rio há muitos anos. Primeiro ponto: a rejeição da falsa idéia de um divórcio entre público de nível médio e a atividade crítica; se ele (o divórcio) existiu foi produto de uma crítica sem raízes na realidade concreta e meramente malabarística. Segundo ponto: a constatação de que esse divórcio foi manipulado como teoricamente salutar em vez de ser compreendido como resultado da natureza deficiente da crítica. Enfin, o terceiro ponto: a necessidade de a crítica alimentar "uma vi-

são no âmbito humanístico da realidade social dinâmica."

Essa visão me parece fundamental. É ela que atravessa os trabalhos críticos de um Carpeaux, de um Álvaro Lins ou de um Tristão de Athayde. Através desses trabalhos, o leitor é simplesmente auxiliado a penetrar no mundo do autor analisado, a entender coisas e idéias evidentemente mais sabidas por quem tem mais intimidade com a obra do autor; igualmente o leitor é jogado na realidade da qual se nutriu o escritor e, em seguida, na sua própria história social. E Papi tem consciência disso, quando assinala que "o estudo particularizado

do texto, em oposição ao enfoque abrangente, humanista, certamente só irá interessar ao crítico que dissocia a literatura do humanismo, que não vê no homem a razão primeira do produto literário."

Espero que essas afirmações sirvam para esclarecer a base da atividade crítica de Papi. No mais, bastaria citar alguns escritores examinados no livro — Drummond, Byron, Borges, Dylan Thomas, William Blake — para se perceber a visão humanística dessa sensível Cartilha Anticrítica.

### ● Filmes na Tv

No final da semana passada, sexta e sábado, a Rede Globo exibiu, em horário urbano e conveniente e não para notívagos e vampiros, dois filmes que merecem registro. O primeiro, Orfeu do Carnaval, programado sem dúvida por causa da morte de Vinicius de Moraes, não consegui ver até o fim. Feito há uns vinte anos, guardou de interessante apenas os diálogos de Vinicius e as canções de Tom Jobim e Vinicius e talvez o desem-

penho admirável de Léa Garcia, sensualíssima. O tempo mostrou que o diretor Marcel Camus fez uma mediocre carreira internacional; em Orfeu do Carnaval, sua incompetência é óbvia. Um desperdício de talento e poesia nacionais.

O segundo filme foi Rio Lobo, o último de Howard Hawks, realizado em 1970. Hawks foi o cineasta do cinema da ação, por excelência. Ação, ação, do começo ao fim; intercalada para alguns goles de uísque, pois seus personagens bebem tanto quanto os de Hemingway. Não há um close em Rio Lobo, não há um plano aproximado; somente travellings, planos gerais, panorâmicos. O que importa é a ação; nada de reflexão. Por isso mesmo, o singular cinema de Hawks é fascinante e envolvente. Convém sublinhar o calor e a ternura que cobre as relações entre os personagens de Hawks. Para não falar nas suas apaixonantes mulheres: em Rio Lobo, há Jennifer O'Neil e duas lindíssimas mexicanas.

06/08/80

... E amanhã é dia de rock... E minha contraparente Carmem Bulhões Pedreira vai para o estrelato com um jantar beneficente...

E a Embratur mandando boletins informativos. Telex: Perde!...

E como hoje é quarta, a notícia vem em forma de telex. E na foto, os novos nomes e os novos rumos: Barnardo Gouthier, que além de ser superquerido, é excelente pintor, minha amiga Betty Winston. E o visagista (visagista é ótimo) Luiz Ronaldo, que é o preferido de 9 entre 10 poderosas. **Maquiagem Max Factor: Perde!**... Mas tirando o "sense do nonsense", os 50 anos do poeta Ferreira Gullar serão marcados com o lançamento do livro "Tudo é Poesia", e também vários trabalhos do craque... E continuando nas artes e artistas, o Centro de Pesquisa de Arte, na rua Paul Redfern (alô alô prefeito Júlio Coutinho, esta é a rua que deveria ter sido dado o nome do poeta Vinicius de Moraes, pois inclusive o bar de Vinicius, "Cirrose", se encontra nessa rua. Tirar o nome da Montenegro, conhecido nacional e

internacionalmente: Entendi, mas não compreendi)... De 7 à 23 de agosto, estará fazendo exposição de Perigault. A apresentação de Walmir Ayala... E nas festas beneficentes. Quem foi para o estrelato: A obra de missão social — Casa da Mãe sem Lar. D. Carmem Bulhões Pedreira, minha contra-parente (aliás o termo é exato, pois ela não sabe se está a favor de ser ou se é contra ser minha parente. E eu posso!)... organizou o jantar em benefício no 14 Bis. Nazareth Robert organizou... E passando para o teatro, amanhã o **Tablado** reabre suas portas para a nova versão de "Hoje é Dia de Rock". Estaremos lá. "To be continued"!... E seu cronista acaba de receber um informativo da Embratur, aliás muito bem feito. A matéria contra o jogo. Entendi, mas não compreendi. E até amanhã com o Cash-Box.



Reigio Carlucci

# DRUMMOND

## O poeta Murilo, que amou o Rio.

Poucas linhas, que eu saiba, registraram o fim de mais um poeta: Murilo Araújo. Depois da emoção nacional que envolveu a morte de Vinicius, parece que nada sobrou para sentir a perda de outro trabalhador da poesia. Em parte se compreende; embora se lastime. Vinicius tinha a vida pública do autor de poesia musicada, que alcançou outros continentes, e sua figura física estava sempre sob a luz dos spots, mesmo que ele quisesse (e queria) viver na santa paz de um violão e um amor ao lado. Enfim, o próprio tipo de trabalho do "Poetinha" o condenava à popularidade. Já Murilo Araújo se remetera, há muito tempo, ao silêncio, em sua casa de Ipanema, viúvo ao lado da filha única e anjo-da-guarda do poeta. Filha cujo nome já constitui um traço de poesia muriliana: Marisol, Marissol. Porque Murilo, um neo-

simbolista-modernista, era ainda um romântico, e queria dar a vida um sentido poético, de lirismo nominativo. A natureza o maravilhava, o invocava, reluzia em metais, folhagens e águas nos seus versos, como se ele mesmo quisesse incorporar-se ao todo. Marisol não é apenas uma fantasia. É a concepção de poesia de Murilo tomando feições humanas.

Do seu silêncio nos últimos tempos dou testemunho, ao vê-lo freqüentar a casa em que Plínio Doyle reúne semanalmente amigos intelectuais. Lá ia ele, com esforço físico, amparado pelo anjo, e instalando-se em poltrona ficava longo tempo calado, ouvindo, ou talvez não, imerso na satisfação de estar ao lado de gente que ama a literatura, mesmo não falando nela. Os que lhe dirigiam a palavra o faziam com essa espécie de respeito que se deve aos antigos. Não falo em velhos, que hoje muitas vezes são catitos e aderem a todas as formas modernas de estar vivo. Ele parecia antes um antigo, na sua imobilida-

de, sua mudez, que um fio de voz mostrava não ser absoluta. Estava longe de ser aquele entusiasta da luz e da terra exuberante, que seus versos refletiam. Mas sabíamos que por trás da vida em declínio ficava a obra estuante de exaltação do ato de viver, de fruir sensualmente (e espiritualmente) os bens que a natureza reuniu para a nossa passagem pelo mundo.

Coube a Murilo a tarefa de ser, dentro do modernismo, um modernista relutante, com idéias próprias, que não lia pela cartilha dos outros e, mesmo filiado na época a um dos grupos cariocas, o de "Festa", mantinha o individualismo caro a seu temperamento. Discutia as idéias de Graça Aranha e recusava-se a experiências de vanguarda que desfigurassem a concepção algo sagrada de poesia, que era a sua. Não esquecer que nos deu a melhor, senão única artinha poética moderna de que dispomos para a iniciação do versejador — A Arte do Poeta, que, partindo das normas técnicas tradicionais, chega ao verso

livre e dedica um capítulo às "Desvirtuações do modernismo", sem negar a contribuição deste movimento para a renovação do verso, pela surpresa estética, pela síntese que intensifica a emoção, pelo subconsciente que revela deslumbramentos virgens, tudo conduzindo a um estado de "poesia pura", à margem do conceito de Bremond. O trabalho valioso de Manuel Bandeira — autoridade incontestável — A Versificação em Língua Portuguesa, é separata de verbete de enciclopédia, naturalmente sintético, e não desmerece o livrinho por tantos aspectos original de Murilo Araújo.

Eu gostaria que os candidatos à glória poética, hoje enxameando no País, inéditos, éditos e antologiadados, dessem uma lida nos ensinamentos de Murilo. Porque já está doendo nos olhos ver tanto livro e tanto "poema" por aí, escrito sem a menor ciência e consciência das leis de ritmo, sonoridade e apuro vocábular, que só por si distinguem o produto poético de um arroteo ou de um borborigmo. E

o que há de borborigmo e arroteo pretensamente literários dá para a gente recear o fim da fala inteligente.

Mineiro do Serro do Frio, aos 13 anos mudou-se para o Rio de Janeiro, e deste então se declarou deslumbrado pela paisagem carioca. Sua poesia é o Rio fulgindo, coruscando, irradiando calor, música, paixão, apetite de viver. Mário Pederneiras viu o Rio plácido de jardins, umbrosos, onde a vida era (ou podia ser para alguns), docemente contemplativa. Murilo captou o Rio incandescente de lavas crepusculares, de frenesis atlânticos, um Rio todo ouro e chama, que o arrebatava. E era, não obstante, um delicado, da raça exigente que pede discrição e isolamento. A cidade onde viveu mais de 70 anos e que foi motivo e motor da maioria de seus poemas, está lhe devendo homenagem: nome em uma rua nova ou busto em jardim público. Agradecer-lhe com indiferença é que não estaria certo.

**Carlos Drummond de Andrade**

# Zózimo

## “TOUR DE FORCE”

## Só Brasil



O Embaixador e Sra Paulo Paranaguá com o Sr Mario Vinhas

**S**E fosse possível, ou conveniente, criar um departamento oficial especializado em recepcionar e ciceronear figuras importantes do mundo dos negócios que chegam ao Brasil sua chefia caberia, sem dúvida, ao Embaixador e Sra Paulo Paranaguá, anfitriões incomparáveis e incansáveis, como o demonstra seu tour de force na tarefa de receber no Brasil os três casais árabes que, seus amigos no Kuwait, acabam de chegar ao Rio.

• Sendo os três árabes investidores em potencial, e para que levassem daqui a melhor das impressões, o casal Paranaguá não se poupou, acionando os amigos e compondo um programa digno do mais competente dos chefes de cerimônias, que ele, aliás, já foi.

• A partida foi dada anteontem com um jantar que, a convite do Sr Pedro Leirão, pintor e decorador, reuniu no Antiquarius os homenageados, casais Teymour Alreza, Muram Shammas e

Nouri Mussad Al-Saleh, seus cicerones e um grupo de convidados, entre os quais os Ari de Castro, os Gustavo Afonso Capanema, os Tony Mayrink Veiga.

• Seguindo-se ao primeiro item do programa, vários outros:

— Jantar, ontem, oferecido por Marilu e Ivo Pitanguy.

— Visita, hoje, às obras de Itaipu, para onde o Embaixador Paranaguá os levará a bordo de um avião da Mendes Junior.

— Jantar, ainda hoje, em casa de Betsy e Olavinho Monteiro de Carvalho (leia-se Monteiro Aranha).

— Jantar, amanhã, na Rua Icatu, a convite de Maria do Carmo e José Nabuco.

— Passeio, no fim de semana, pelos mares e ilhas de Angra dos Reis e Itacuruçá.

— Tour noturno pelas casas especializadas em shows de música brasileira.

\* \* \*

• Para a segunda semana de permanência dos visitantes, está previsto outro tanto.

- O último Vogue francês só tem de autêntico a língua em que é redigido.
- O resto é a inundação de suas reportagens sociais fotográficas por dúzias de brasileiras, algumas delas focalizadas várias vezes nos acontecimentos mundanos registrados pela revista.
- Não há uma festa em que pelo menos 20% ou 30% das convidadas fotografadas pelo olho do Vogue não sejam brasileiras.
- Um aperçu rápido das páginas da revista mostra como suas eleitas Lais Gouthier, Gisela Amaral, Carmem Mayrink Veiga, Claudia Gouthier Niedzielsky, Odile Marinho e Silvia Amélia de Waldner.

• • •

## Pela metade

- Brandindo a lei, as autoridades mineiras proibiram a venda de jornais alternativos pelas escolas no Centro da cidade.
- Esqueceram de empunhar na outra mão a lei que proíbe a devastação das bancas de jornais e atentados de toda espécie à propriedade particular.
- Garante-se que ela também existe.

• • •

## Chico em filme

- Está pronto para ser lançado dentro de dois meses em circuito nacional a biografia filmada de Chico Buarque, Certas Palavras, dirigida pelo argentino Mauricio Beru.
- O filme, um longa-metragem a cores, foi filmado em São Paulo e no Rio, reúne 20 músicas de Chico, além de depoimentos seus e participações especiais de Caetano, Betânia, Toquinho, Francis Hime, Ruy Guerra, Miúcha, Sérgio Buarque de Holanda e Vinicius de Moraes.
- Sobre Vinicius, aliás, uma curiosidade: é nesse filme que o poeta e compositor fez sua última aparição cinematográfica antes de morrer.

Unicelars

## Drummond

# O POETA MURILO, QUE AMOU O RIO

**P**OUCAS linhas, que eu saiba, registraram o fim de mais um poeta: Murilo Araújo. Depois da emoção nacional que envolveu a morte de Vinicius, parece que nada sobrou para sentir a perda de outro trabalhador da poesia. Em parte se compreende, embora se lastime. Vinicius tinha a vida pública do autor de poesia musicada, que alcançou outros continentes, e sua figura física estava sempre sob a luz dos spots, mesmo que ele quisesse (e queria) viver na santa paz de um violão e um amor ao lado. Enfim, o próprio tipo de trabalho do "Poetinha" o condenava à popularidade. Já Murilo Araújo se remete-ra, há muito tempo, ao silêncio, em sua casa de Ipanema, vivio ao lado da filha única e anjo-da-guarda do poeta. Filha cujo nome já constitui um traço de poesia muriliana: Mar-e-sol, Marissol. Porque Murilo, um neo-simbolista-modernista, era ainda um romântico, e queria dar à vida sentido poético, de lirismo nominativo. A natureza o maravilha-va, o invocava, reluzia em metais, folhagens e águas nos seus versos, como se ele mesmo quisesse incorporar-se ao todo. Marissol não é apenas uma fantasia. É a concepção de poesia de Murilo tomando feições humanas.

Do seu silêncio nos últimos tempos dou testemunho, ao vê-lo frequentar a casa em que Plínio Doyle reúne semanalmente amigos intelectuais. Lá ia ele, com esforço físico, amparado pelo anjo, e instalando-se em poltrona ficava longo tempo calado, ouvindo, ou talvez não, imerso na satisfação de estar ao lado de gente que ama a literatura, mesmo não falando nela. Os que lhe dirigiam a palavra o faziam com essa espécie de respeito que se deve aos antigos. Não falo em velhos, que hoje muitas vezes são catitas e aderem a todas as formas modernas de estar vivo. Ele parecia antes um antigo, na sua imobilidade, sua mudez, que um fio de voz mostrava não ser absoluta. Estava longe de ser aquele entusiasta da luz e da terra exuberante que seus versos refletiam. Mas sabíamos que por trás da vida em declínio ficava a obra estuante de exaltação do ato de viver, de fruir sensualmente (e espiritualmente) os bens que a natureza reuniu para nossa passagem pelo mundo.

sagem pelo mundo.

Coube a Murilo a tarefa de ser, dentro do modernismo, um modernista relutante, com idéias próprias, que não ha pela cartilha dos outros e, mesmo fido na época a um dos grupos cariocas, o de Festa, mantinha o individualismo caro a seu temperamento. Discutia as idéias de Graça Aranha e recusava-se a experiências de vanguarda que desfigurassem a concepção algo sagrada de poesia, que era a sua. Não esquecer que nos deu a melhor, senão única artinha poética moderna de que dispomos para a iniciação do versificador — A Arte do Poeta, que, partindo das normas técnicas tradicionais, chegou ao verso *libre* e dedica um capítulo às “desvirtuações do modernismo”, sem negar a contribuição deste movimento para a renovação do verso, pela surpresa estética, pela síntese que intensifica a emoção, pelo subconsciente que revela deslumbramentos virgens, tudo conduzindo a um estaso de “poesia pura”, à margem do conceito de Bremond. O trabalho valioso de Manuel Bandeira — *autoridade incontestável* — A Versificação em Língua Portuguesa, é separata de verbete de enciclopédia, naturalmente sintético, e não desmerece o livrinho por tantos aspectos original de Murilo Araújo.

Eu gostaria que os candidatos à glória poética, hoje encamando no país, inéditos, éditos e antologados, dessem uma lida nos ensinamentos de Murilo. Porque já está doendo nos olhos ver tanto livro e tanto poema por aí, escrito sem a menor ciência e apuro vocabular, que só por si distinguem o produto poético de um arroteo ou de um borborigmo. E o que há de borborigmo e arroteo pretensamente literários dá para a gente reecear o fim da fala inteligente.

Mineiro do Serro do Frio, aos 13 anos mudou-se para o Rio de Janeiro, e desde então se declarou deslumbrado pela paisagem carioca. Sua poesia é o Rio fulgindo, coruscando, irradiando calor, música, paixão, apetite de viver. Mario Pederneras viu o Rio plácido de jardins umbrosos, onde a vida era (ou podia ser para alguns) docemente contemplativa. Murilo captou o Rio incandescente de lavas crepusculares, de frenesis atlânticos, um Rio todo ouro e chama, que o arrebatava. E era, não obstante, um delicado, da raça exigente que pede discrição e isolamento. A cidade onde viveu mais de 70 anos, e que foi motivo e motor da maioria de seus poemas, esta lhe devendo homenagem: nome em uma rua nova ou busto em jardim público. Agradecer-lhe com indiferença é que não estaria certo.

Carlos Drummond de Andrade